



COMUNICAÇÃO MUDIÁTICA.

ISSN: 2236-8000
v. 19, n. 1, p. 113-130, jan-jun, 2024

Infodemia de colonialidades: Bolsonaro e seus discursos de ódio de cunho racial

Infodemia de colonialidades: Bolsonaro y sus discursos de odio racialmente motivados

Infodemic of colonialities: Bolsonaro and his racially motivated hate speeches

Elaide MARTINS

Doutora em Ciências: Desenv. Socioambiental (Naea/UFGA). Docente da Faculdade de Comunicação (Facom) e do Programa de Pós-Graduação 'Comunicação, Cultura e Amazônia' (PPGCOM) da Universidade Federal do Pará (UFPA).

E-mail: elaide@ufpa.br

Luiz Cláudio dos Anjos FERNANDES

Especialista em Educação para Relações Étnicorraciais e mestrando do Programa de Pós-graduação em Comunicação, Cultura e Amazônia (PPGCOM) da Universidade Federal do Pará (UFPA).

E-mail: luizclaudio.jornalismo@gmail.com

Enviado em: 04.07.2024

Aceito em: 10.08.2024

RESUMO

Circunscrito em um contexto infodêmico, este estudo tem como objetivo compreender de que forma a lógica da colonialidade se manifesta nos discursos do ex-presidente Jair Bolsonaro. Com base em Bragato e Silva (2021), Quijano (2005), Andrade (2001) e Severo e Guerra (2022), percebe-se que os discursos de ódio são fundamentados em processos históricos como o colonialismo, imbuído de seu método de depreciação e subordinação dos sujeitos colonizados. Partindo-se de uma abordagem qualitativa, adota-se como método a análise de conteúdo sistematizada por Bardin (2016) e atualizada por Sampaio e Lycarião (2021). Além de identificar discursos de ódio de cunho racial, os resultados indicam que, ao humilhar, manifestar preconceitos e fazer comparações pejorativas, Bolsonaro demarca um caráter ofensivo, desinformativo e intolerante em seus discursos, reafirmando a lógica colonial.

Palavras-chave: Infodemia; Colonialidades; Discursos de Ódio; Racismo; Bolsonaro.

RESUMEN

Circunscrito dentro de un contexto infodémico, este estudio tiene como objetivo comprender cómo la lógica de la colonialidad se manifiesta en los discursos del ex presidente Jair Bolsonaro. Con base en Bragato y Silva (2021), Quijano (2005), Andrade (2001) y Severo y Guerra (2022), es claro que los discursos de odio se basan en procesos históricos como el colonialismo, imbuidos de su método de depreciación y subordinación de sujetos colonizados. Partiendo de un enfoque cualitativo, el método adoptado es el análisis de contenido sistematizado por Bardin (2016) y actualizado por Sampaio y Lycarião (2021). Además de identificar discursos de odio de carácter racial, los resultados indican que, al humillar, expresar prejuicios y hacer comparaciones peyorativas, Bolsonaro establece un carácter ofensivo, desinformativo e intolerante en sus discursos, reafirmando la lógica colonial.

Palabras clave: Infodemia; Colonialidades; discursos de odio; Racismo; Bolsonaro.

ABSTRACT

Circumscribed within an infodemic context, this study aims to understand how the logic of coloniality manifests itself in the speeches of former president Jair Bolsonaro. Based on Bragato and Silva (2021), Quijano (2005), Andrade (2001) and Severo and Guerra (2022), it is clear that hate speeches are based on historical processes such as colonialism, imbued with its method of depreciation and subordination of colonized subjects. Starting from a qualitative approach, the method adopted is content analysis systematized by Bardin (2016) and updated by Sampaio and Lycarião (2021). In addition to identifying hate speech of a racial nature, the results indicate that, by humiliating, expressing prejudices and making pejorative comparisons, Bolsonaro establishes an offensive, uninformative and intolerant character in his speeches, reaffirming the colonial logic.

Keywords: Infodemic; Colonialities; Hate Speeches; Racism; Bolsonaro.

Introdução

Segundo a Organização Pan-Americana da Saúde/OPAS, uma divisão da Organização Mundial da Saúde (OMS), a infodemia se caracteriza por “um excesso de informações, algumas precisas e outras não, que tornam difícil encontrar fontes idôneas e orientações confiáveis quando se precisa” (OPAS, 2020, p.2). Essa definição foi amplamente divulgada na pandemia de covid-19, quando o fenômeno da infodemia se desenhou com muita evidência. Refere-se a “um grande aumento no volume de informações associadas a um assunto específico, que podem se multiplicar exponencialmente em pouco tempo” (OPAS, 2020, p.2), sobretudo em meio a certos eventos, como pandemias, crises climáticas, desastres ambientais etc.

Para Kalil e Santini (2020, p. 5), a infodemia é caracterizada por uma “quantidade e variedade excessiva de informações de diferente qualidade e credibilidade (algumas falsas, outras imprecisas, outras baseadas em evidências) [...]”. Apresenta-se, portanto, como uma mola propulsora ao fenômeno da desinformação, compreendido, por sua vez, como um amplo sistema de informações falsas, distorcidas e/ou descontextualizadas. Trata-se de uma ambiência que envolve um desordenamento das informações, chamado por Wardle e Derakhshan (2017, 2019) de Desordem Informacional.

Como bem explicam Gomes e Lopes (2021, p.161), a infodemia “pode desencadear e/ou acentuar o caos social, visto que a informação falsa ou manipulada afeta as interações humanas interferindo diretamente no comportamento da sociedade”. As autoras destacam, inclusive, que a correlação entre desinformação, infodemia e caos social é bem estreita, sobretudo em crises sanitárias, como na pandemia. Acrescentamos, ainda, como exemplo da intersecção entre esses três eixos, alguns contextos específicos, como período eleitoral, crises ambientais e outros que se anunciam como solo fértil para o negacionismo.

No Brasil, todas essas situações foram vivenciadas nos últimos anos. Dos desastres climáticos da Amazônia (seca em 2023) ao Rio Grande do Sul (enchentes em 2024) ou às eleições do âmbito municipal ao federal, o contexto infodêmico se faz proeminente. Nessa avalanche de (des)informações, os discursos de ódio se tornam mais visíveis. A partir desse contexto, este trabalho procura investigar se a lógica da colonialidade se manifesta e, em caso positivo, como se manifesta nos discursos do ex-presidente do Brasil, Jair Messias Bolsonaro. Sendo assim, debruça-se sobre suas declarações proferidas durante os anos de 2015 a 2022, sobretudo em seu mandato, no período de 2019-2022.

Este período é marcado por uma enxurrada de discursos preconceituosos, homofóbicos, racistas e odiosos. Com a pandemia em 2020-2021, o cenário se agravou, florescendo uma epidemia de informações, no caso a infodemia, a qual “impede às pessoas o acesso a fontes e informações fiáveis, o que é suficiente para gerar um grande impacto na esfera social, além de desorientação e perplexidade” (Gomes e Lopes, 2021, p.166). Isso compromete as relações políticas, econômicas e sociais, trazendo implicações ao diálogo na sociedade e promovendo antigas lógicas da colonialidade, como o desrespeito às classes menos favorecidas.

Nesse sentido, a trajetória de análise desta pesquisa foi norteadada pelo seguinte problema de pesquisa: de que forma a lógica da colonialidade se manifesta nos discursos de Bolsonaro? Na metodologia, partimos de uma abordagem qualitativa e adotamos o conceito proposto por Minayo (2007), segundo o qual, esse tipo de pesquisa considera o universo dos significados, dos motivos, das aspirações, das crenças, dos valores e das atitudes. Nesse sentido, nos debruçamos sobre os discursos de Bolsonaro que mais repercutiram naquele período, conforme os serviços de checagem ‘Uol Confere’ e ‘Fato ou Fake’ dos portais de notícias UOL¹ e G1², respectivamente.

Enquanto método, adotamos a análise de conteúdo sistematizada por Bardin (2016) como:

Um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando obter, por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) destas mensagens (Bardin, 2016, p. 48).

Esta definição serviu como base para os estudos de Sampaio e Lycarião (2021), segundo os quais a análise de conteúdo é uma técnica de pesquisa baseada em procedimentos sistemáticos, intersubjetivamente validados e públicos para criar inferências válidas sobre determinados conteúdos verbais, visuais ou escritos, buscando descrever, quantificar ou interpretar fenômenos em termos de seus significados, intenções, consequências ou contextos. Esses autores explicam as etapas da análise de conteúdo: a pré análise, com levantamento bibliográfico e mergulho no material; a definição de categorias; e a análise das inferências, ou seja, as interpretações com base nos resultados obtidos.

¹ <https://noticias.uol.com.br/confere/>

² <https://g1.globo.com/fato-ou-fake>

A partir da pré-análise do material publicado pelos portais UOL e G1, de novembro de 2015 a maio de 2022, selecionamos 14 trechos de falas proferidas por Bolsonaro que configuram discurso ódio de cunho racial e que tiveram grande repercussão na imprensa, conforme os serviços de checagem desses portais. Em seguida, reunimos e organizamos tais discursos em uma tabela e, por fim, analisamos se, e de que forma eles seguem a lógica colonial, observando, ainda, como esta lógica se manifesta.

Após fazermos a pré análise, com levantamento bibliográfico e mergulho no material, definimos as categorias: tipo de ataque (direto/indireto); a quem se dirige (negro, indígena, origem geográfica); adjetivações usadas; e características do viés colonial verificado nessas adjetivações. Por fim, fizemos a análise das inferências, ou seja, as interpretações com base nos resultados obtidos. Observou-se nas falas de Bolsonaro os significados, as intenções, as consequências e o contexto, conforme os estudos de Downe-Wamboldt (1992) e Holsti (1969 apud Krippendorff, 2004) sobre a análise de conteúdo.

Para fins de contextualização, Bolsonaro, que foi presidente de 2019 a 2022, se insere em um contexto de crescimento de movimentos de ultradireita. No espectro político, a ultradireita defende uma relação social hierárquica entre grupos de uma sociedade, “dividindo *insiders* dos *outsiders* a partir de lógicas étnicas ou raciais” (Pini, 2021, p. 32). Essa dinâmica influencia a identificação de “inimigos” dentro de uma sociedade que, supostamente, seriam ameaças à sobrevivência da nação ou à sua integridade cultural, resultando em variados graus de comportamentos antissemitas, racistas e xenófobos (Jüpskas; Leidig, 2020).

Seu discurso, muitas vezes com características de discurso de ódio, é acolhido e disseminado por um público específico, pessoas que compartilham trechos desses discursos sem sequer checar a veracidade. Ademais, reproduzem as declarações e comportamento do ex-presidente entre amigos, no meio familiar, no trabalho e no ambiente digital, onde tais discursos costumam viralizar.

Sendo assim, destacamos a importância desta pesquisa para a sociedade, uma vez que desvela os prejuízos sociais ocasionados pela colonialidade e seus respectivos discursos de ódio de cunho racial. Ademais, convida a todos e todas a assumirem uma militância decolonial. Convém ressaltar, ainda, a relevância temática desta pesquisa para a academia, já que pode contribuir para futuros estudos sobre o campo da política e sua forte relação com a colonialidade.

Intersecções entre discurso de ódio, racismo, colonialidade e decolonialidade

Os discursos de ódio, na visão de Stroppa e Rothenburg (2015), consistem na divulgação de mensagens que difundem e estimulam o ódio racial, a xenofobia, a homofobia e outras formas de ódio baseadas na intolerância e que confrontam os limites éticos de convivência com o fim de justificar a privação de direitos.

O Brasil vive, especialmente desde 2018, uma onda de polarização política e destilação de discursos de ódio, principalmente por políticos e adeptos da ultradireita. Antes disso, houve no país uma incitação ao avanço de ideologias conservadoras a partir das chamadas Jornadas de Junho de 2013³. Desde então, muitas ideologias fundamentalistas e reacionárias inflamadas pela extrema-direita estimulam o acirramento de discursos (e ações) voltados para a construção de inimigos e a eliminação das ideias contrárias (Nascimento, 2022).

Andrade (2021) esclarece que o preconceito, a discriminação e a intolerância são os três elementos que motivam o discurso de ódio, levando uma pessoa ou um grupo a ser discriminado com base em suas características identitárias. Para este autor, o discurso de ódio é uma derivação do preconceito, definido por Allport (1954, p. 9) como “uma antipatia baseada numa generalização falha e inflexível, que pode ser sentida ou expressa e que pode ser dirigida a um grupo como um todo ou a um indivíduo porque ele faz parte daquele grupo”. Ou seja, o tom frequentemente preconceituoso do discurso de Bolsonaro relacionado a negros, indígenas, asiáticos, nordestinos e venezuelanos culmina na geração e no fortalecimento de discursos de ódio contra pessoas e/ou grupos que se enquadram nesse perfil.

Brugger (2007) mostra que o discurso de ódio é caracterizado por conteúdo segregacionista, fundado na dicotomia da superioridade do emissor e na inferioridade do atingido. Esse tipo de discurso tende a insultar, intimidar ou assediar pessoas “em virtude de sua raça, cor, etnicidade, nacionalidade, sexo ou religião, ou tem a capacidade de instigar violência, ódio ou discriminação contra tais indivíduos” (Brugger, 2007, p. 118). É um tipo de discurso quase sempre ligado às pautas de Bolsonaro, geralmente com raízes na colonialidade e impulsionado pela desinformação (Fernandes, 2023).

³ Disparadas por uma série de protestos em torno do aumento de tarifas de transporte público em várias capitais a partir de São Paulo (SP), as Jornadas de Junho capilarizaram-se por meio de uma larga agenda de reivindicações.

O racismo, por sua vez, apresentado por Almeida (2019) como estrutural por integrar a organização econômica e política da sociedade, aparece muitas vezes ligado aos discursos de ódio de cunho racial. Ele esclarece que o racismo “fornece o sentido, a lógica e a tecnologia para a reprodução das formas de desigualdade e violência que moldam a vida social contemporânea” (Almeida, 2019, p. 15). Em suma, as expressões do racismo no cotidiano, seja nas relações interpessoais, seja na dinâmica das instituições, são manifestações de algo mais profundo, que se desenvolve nas entranhas políticas e econômicas da sociedade.

Assim, Fernandes (2013) explica que o racismo é um fenômeno ideológico que se consolida via preconceitos, discriminações e estereótipos, fortalecidos ao longo de gerações. A comunidade e o ambiente escolar são, dessa forma, ambientes onde ocorrem atitudes discriminatórias, perpassadas e reproduzidas a partir de um ideal histórico, em que o conceito de superioridade racial justificava a desigualdade e a imagem negativa sobre os povos negros (Sant’Ana, 2001).

A noção de raça como referência a distintas categorias de seres humanos é um fenômeno da modernidade que remonta aos meados do século XVI. Segundo Almeida (2019), o espírito positivista do século XIX transformou as indagações sobre as diferenças humanas em indagações científicas e, de objeto filosófico, o homem passou a ser objeto científico. Ou seja, nesse período, o reforço pseudo-científico de teorias de raça serviu como apoio ideológico para a opressão colonial, até mesmo após a abolição da escravidão. Ainda segundo o autor, no século XX, mesmo a Antropologia e a Biologia demonstrando que não existem diferenças biológicas que justifiquem um tratamento discriminatório entre seres humanos, a noção de raça ainda se mantém como um fator político importante utilizado para naturalizar desigualdades e legitimar a segregação e o genocídio de grupos socialmente considerados minoritários.

O racismo está enraizado na cultura brasileira e é, muitas das vezes, reproduzido de forma inconsciente. Como bem ressalta Sales Jr. (2006), muitos racistas negam a própria conduta racista, uma característica comum desse público. Em nossa análise, percebemos que Bolsonaro oscila entre racismos velados e explícitos em forma de discursos de ódio. Geralmente, seus discursos estão atrelados com desinformação e distorções, o que é entendido por Fernandes (2023) como uma estratégia.

Segundo Waldron (2012), os discursos de ódio podem ser articulados de quatro maneiras: a) alegações que imputam o cometimento de atos ilícitos ou atribuição de periculosidade ao grupo; b) caracterizações depreciativas, que provavelmente baseiam-se em

opiniões sobre o grupo; c) comparações, descrições e/ou referências do grupo a animais, contestando suas humanidades; d) avisos ou instruções que sinalizam uma restrição à entrada a locais públicos ou uma discriminação por atos/práticas do grupo. Assim, esses elementos acarretam uma lesão à dignidade humana e ao reconhecimento da igualdade, pois não se reconhece o destinatário do discurso de ódio como pleno sujeito de direitos humanos e constitucionais.

Algumas diretrizes internacionais também apontam que discursos depreciativos contra grupos sociais minoritários estão em paralelo à discriminação e que os discursos de ódio são uma das formas de discriminação responsáveis pela reprodução de estereótipos e representações negativas de grupos sociais minoritários (Naciones Unidas, 2015).

Bragato e Silva (2021) explicam que o discurso proferido tem o poder intrínseco de produção de significados e representações no âmbito social. Da mesma forma, Fairclough (2001) mostra o discurso como uma forma de ação, pois se apresenta como um recurso apto a conferir representações sociais e a contribuir para construção de identidades e posições de sujeito para os indivíduos. Nesta mesma perspectiva, Djik (2015) diz que o discurso é capaz de reproduzir ideários, valores e representações sociais que persistem no tempo e no núcleo de significados.

Conforme Bragato e Silva (2021), essas depreciações ou desumanizações decorrem da conversão das diferenças étnicas, raciais, religiosas, sexuais, de gênero etc. em critérios de inferiorização, tomando-se como critério de superioridade o padrão cultural, epistemológico, ético e estético europeu. Assim, apesar do fim do colonialismo como prática hegemônica global no século XX, sua lógica de poder e submissão persiste até hoje como colonialidade nas sociedades contemporâneas, subordinando grupos reputados inferiores. Para estas autoras, os discursos de ódio são, portanto, “manifestações explícitas, insidiosas e violentas de discursos desumanizantes que não são novos, mas que, muitas vezes, sustentam relações de poder sendo reproduzidos de uma forma velada e sutil” (Bragato e Silva, 2019, p. 29).

Quanto à colonialidade, Tonial, Maheirie e Garcia Jr (2017, p 19) a entendem “como uma dimensão simbólica do colonialismo que mantém as relações de poder que se desprenderam da prática e dos discursos sustentados pelos colonizadores para manter a exploração dos povos colonizados”. Restrepo e Rojas (2010, p. 15), por sua vez, a definem como “um fenômeno histórico complexo que se estende até nossos dias e se refere a um padrão de poder que opera pela naturalização de hierarquias territoriais, raciais, culturais, de

gênero e epistêmicas”⁴.

Na medida em que Bhabha (2010) esclarece acerca do discurso articulado com base nos estereótipos, Quijano (2005) e Mignolo (2017) apresentam a perspectiva decolonial no sentido de reconhecer as múltiplas e heterogêneas diferenças coloniais, assim como as “múltiplas e heterogêneas reações das populações e dos sujeitos subalternizados à colonialidade do poder” (Costa e Grosfoguel, 2016, p. 21). Estes autores convidam a ir além do provincialismo da epistemologia de homens brancos europeus que produzem a invisibilidade de outras experiências histórico-sociais de sujeitos subordinados às codificações de gênero, sexualidade e raça.

Ao falar de colonialidade, eles mostram como raça e gênero foram articulados para a classificação social da população. Neste processo, povos originários como negros e indígenas sofreram de modo mais abrupto. Traços fenotípicos e culturais que os diferenciavam dos colonizadores europeus foram automaticamente articulados como o fundamento de sua inferioridade enquanto seres humanos e sujeitos de direitos.

Discursos de Bolsonaro com perspectiva colonial com repercussão na imprensa

Seguindo os pressupostos da análise de conteúdo de Bardin (2016), na primeira etapa desta pesquisa, a pré análise, foi feito o levantamento dos discursos de Bolsonaro publicadas pelos portais UOL e G1 durante o período de novembro de 2015 a maio de 2022. Do montante, foram selecionados 14 fragmentos de falas de Bolsonaro consideradas de grande repercussão, segundo os serviços de checagem do UOL e do G1. Essas falas foram proferidas em diferentes contextos, desde eventos informais a palestras e entrevistas.

Após a exploração do material, passou-se à definição das categorias de análise, no caso, como já dito, o tipo de ataque (direto/indireto); a quem se dirige (negro, indígena, origem geográfica); adjetivações usadas; e características do viés colonial verificado nessas adjetivações. Por fim, foram feitas as interpretações com base nos resultados obtidos. Observou-se nas falas de Bolsonaro os significados, as intenções, as consequências e o contexto, conforme sugere Downe-Wamboldt (1992) sobre a análise de conteúdo.

⁴ Tradução própria de: “La colonialidad es un fenómeno histórico mucho más complejo que se extiende hasta nuestro presente y se refiere a un patrón de poder que opera a través de la naturalización de jerarquías territoriales, raciales, culturales y epistémicas”

Dos 14 trechos analisados (aqui indicadas por **Dec.**, de declaração), 10 são ataques diretos a negros, indígenas e a pessoas de origem asiática, venezuelana e/ou nordestina. De forma explícita, Bolsonaro chega a utilizar adjetivações e/ou termos pejorativos como: índio, paraíba e pau de arara. Dos ataques, 10 foram direcionados a pessoas diversas por sua origem geográfica, 8 a negros e 5 a indígenas, conforme o Quadro 1, a seguir:

Quadro 1: Trechos dos discursos de Bolsonaro (2015 a 2022)

DATA, OCASIAO E CONTEXTO	DECLARAÇÃO
Novembro de 2015, em entrevista à rádio em Cuiabá. (ainda não era presidente)	Dec. 1: “Sou contra terra para índios e cota para negros. O país é de miscigenação e, por isso, não deve haver privilégios para determinadas pessoas”
Outubro de 2018, como candidato a presidente da República, em entrevista à TV no Piauí.	Dec. 2: “Política de cotas é 'equivocada' e política de combate ao preconceito é 'coitadismo”
Março de 2011, o então deputado Bolsonaro respondeu à Preta Gil quando participou do quadro "O povo quer saber" e a pergunta, previamente gravada, foi: "Se seu filho se apaixonasse por uma negra, o que você faria?".	Dec. 3: “Preta, não vou discutir promiscuidade com quem quer que seja. Eu não corro esse risco, e meus filhos foram muito bem-educados e não viveram em um ambiente como, lamentavelmente, é o teu”
Abril de 2017, durante palestra no RJ, como pré-presidenciável. (ainda não era presidente)	Dec. 4: “Fui num quilombola no Eldorado Paulista. Olha, o afrodescendente mais leve lá pesava sete arrobas. Não fazem nada. Eu acho que nem para procriador ele serve mais”
Novembro de 2018, já eleito presidente, em evento militar no RJ.	Dec. 5: “A criação de campos de refugiados, talvez, para atender aos venezuelanos que fogem da ditadura de seu país. Porque do jeito que estão fugindo da fome e da ditadura, tem gente também que nós não queremos no Brasil”
Maio de 2019, ao posar para foto com estrangeiro de feição asiática, fez gesto com os dedos insinuando sobre tamanho do órgão sexual.	Dec. 6: “Tudo pequenininho aí?”
Julho de 2019, em conversa com o ministro-chefe da Casa Civil Onyx Lorenzoni, durante café da manhã com jornalistas.	Dec. 7: “Daqueles governadores de paraíba, o pior é o do Maranhão [Flávio Dino]. Tem que ter nada com esse cara”
Outubro de 2019, durante live em rede social, com o deputado Hélio Lopes (PSL-RJ), que é negro, ao seu lado.	Dec. 8: “O Hélio vai para a China comigo. Eu falei: ‘tem algum problema? É só você fazer assim [puxando as pálpebras para o lado], que ninguém vai te achar na multidão”
Janeiro de 2020, disse à jornalista brasileira descendente de japoneses Thais Oyama, autora do livro “Tormenta”.	Dec. 9: “Esse livro dessa japonesa que eu não sei o que faz no Brasil, que faz agora contra o governo. [...] Lá no Japão ela ia morrer de fome com jornalismo, escrevendo livro”
Janeiro de 2020, em live nas redes sociais, falando da criação do Conselho da Amazônia.	Dec. 10: “O índio tá evoluindo. Cada vez mais o índio é um ser humano igual a nós”

<p>Novembro de 2020, ele fez um post na sua rede social sobre violência, mas não citou o caso de João Alberto de Freitas, um homem negro morto na véspera do Dia da Consciência Negra, após ser agredido em um supermercado em Porto Alegre. Detalhe: esse foi o único ano em que ele fez post sobre o Dia da Consciência Negra e ainda foi desfavorável.</p>	<p>Dec. 11: "Não nos deixemos ser manipulados por grupos políticos. Como homem e como presidente, sou daltônico: todos têm a mesma cor. Não existe uma cor de pele melhor do que as outras. Existem homens bons e homens maus. São nossas escolhas e valores que fazem a diferença", postou. "Aqueles que instigam o povo à discórdia, fabricando e promovendo conflitos, atentam não somente contra a nação, mas contra nossa própria história. Quem prega isso, está no lugar errado. Seu lugar é no lixo!"</p>
<p>Novembro de 2020, em discurso no G20.</p>	<p>Dec. 12: "Tensões entre raças no Brasil são importadas e 'alheias à nossa história'"</p>
<p>Fevereiro de 2022, para se referir a nordestinos.</p>	<p>Dec. 13: "Está cheio de pau de arara aqui e não sabem que cidade fica padre Cícero?"</p>
<p>Maior de 2022, ao se dirigir a um apoiador negro.</p>	<p>Dec. 14: "Conseguiram te levantar, pô?! Tu pesa o quê? Mais de 7 arrobas, não é?"</p>

Fonte: Autoria própria, com dados da pesquisa, 2023.

Na **Dec. 1**, utilizando-se de desinformação e distorções, o ex-presidente desvirtua o verdadeiro sentido das iniciativas de reparação histórica em favor da população negra e indígena, associando as políticas de reparação à ideia de privilégio. Conforme Fernandes (2023), distorcer é também uma forma de desinformar e é uma estratégia reforçadora dos discursos de ódio de cunho racial. Ou seja, a distorção favorece a justificação do discurso colonial de Bolsonaro de que não deve haver reparação das desigualdades provocadas pela colonização.

Na **Dec. 2**, mais uma vez, utilizando-se de desinformação e distorções, Bolsonaro distorce e descredibiliza as iniciativas de reparação, associando a política de combate ao preconceito ao coitadismo e dizendo que a política de cotas é equivocada. Em seu discurso, não reconhece a colonização, seus efeitos perversos e as políticas de reparação, e isso é compactuar com a perspectiva colonial.

Na **Dec. 3**, Bolsonaro agride verbalmente a cantora Preta Gil ao denominá-la como pertencente a um ambiente promíscuo pelo fato dela ser negra. São explícitos tanto a ideia de superioridade racial empregada pelo político, como o racismo e intolerância. Com essa fala, Bolsonaro deprecia Preta Gil e as demais pessoas negras, usando termos e comparações pejorativas, um recurso comum de articulação dos discursos de ódio apontados por Waldron (2012).

Bolsonaro voltou a desinformar e distorcer em sua **Dec. 4**, dessa vez sobre os quilombolas. Em uma atitude de racismo explícito, munido novamente de ideia colonial de superioridade racial, ele agride verbalmente os quilombolas. Ele humilha usando

comparações pejorativas relacionadas à massa muscular e à capacidade de procriação das pessoas que vivem no quilombo. Representações negativas e/ou estereótipos como esses, fundamentados pela depreciação atribuída a fatores identitários, com componentes discriminatórios, ultrapassando o caráter ofensivo e intolerante de manifestações de preconceito, são conjugações do discurso de ódio, conforme apontado anteriormente por Naciones Unidas (2015).

Em sua **Dec. 5**, em tom de xenofobia contra venezuelanos, o ex-presidente comete racismo explícito e humilha esses imigrantes ao dizer que não as quer no Brasil. Essa atitude se relaciona aos avisos ou instruções que sinalizam restrição à entrada de certas pessoas descritos por Waldron (2012) como uma das maneiras de articulação dos discursos de ódio com perspectivas coloniais. Fica clara, ainda, nessa fala, novamente a desinformação, desta vez sobre o contexto venezuelano.

Na **Dec. 6**, o ex-presidente volta a humilhar e a depreciar (Waldron, 2012) estrangeiros, desta vez asiáticos, praticando, assim, racismo explícito. Ao depreciar o tamanho do órgão sexual de asiáticos, Bolsonaro coaduna com a ideia de sua superioridade racial, agride moralmente os asiáticos, praticando e fortalecendo discursos de ódio com perspectivas coloniais. A superioridade do ocidental sobre o oriental é uma característica colonial exposta por Mignolo (2017) e por Quijano (2005). Além disso, Bolsonaro novamente disseminou desinformação, desta vez em relação a um mito sobre os órgãos sexuais de asiáticos, cujo tamanho seria pequeno.

Termos pejorativos como “paraíba” ganharam espaço novamente na **Dec. 7**. O racismo é explícito contra nordestinos. Movido pela ideia de superioridade racial, Bolsonaro agride verbalmente, humilha nordestinos, dizendo que entre os governadores nordestinos, há um deles que ele considera o “pior”. O termo “pior”, neste discurso de ódio, denota uma categorização do colonizador sobre as pessoas que vivem em uma região brasileira historicamente colocada à margem na política nacional, vítima da ideia colonial de centro-periferia (Mignolo, 2017). Bolsonaro passa a ser racista com os nordestinos quando os subjuga, entendendo-os como um povo inferior a si e no contexto nacional, desmerecendo, portanto, tratamento igualitário.

Na **Dec. 8**, Bolsonaro coisifica um homem negro ao satirizar sobre como ele se destacaria em meio a uma multidão de asiáticos, e novamente manifesta preconceito e discriminação para se referir aos asiáticos. Imbuído da ideia de superioridade racial, ele pratica, neste caso, agressão moral, humilhação, ou seja, racismo explícito contra negros e

asiáticos. Esse tipo de discurso de ódio se relaciona à ideia colonial de superioridade da sociedade ocidental sobre a oriental. Conforme mostrou Fairclough (2001), neste caso, o discurso configura-se como uma forma de ação, apresentando-se como um recurso apto a conferir representações sociais e a contribuir para a construção de identidades e posições de sujeito para os indivíduos. Djik (2015) também mostra que discursos assim reproduzem ideários, valores e representações sociais que persistem no tempo e no núcleo de significados.

Novamente asiáticos são alvos da xenofobia, intolerância étnico-racial e racismo explícito na **Dec. 9**, em que Bolsonaro questiona a presença de uma japonesa no Brasil. Movido pela ideia colonial de superioridade racial, ele agride verbalmente a jornalista, humilhando-a e dizendo que ela morreria de fome no Japão.

Na **Dec. 10**, o discurso de ódio é empregado contra os indígenas, imbuído de uma clássica característica colonial de superioridade étnico-racial de brancos sobre indígenas. Bolsonaro diz que os indígenas não são “evoluídos” como os brancos e dá a entender, inclusive, que os povos tradicionais não são tão humanos quanto os não indígenas. Observa-se, neste discurso, preconceito explícito de cunho étnico-racial, agressão moral, humilhação e predileção à erudição ante o não erudito.

Na **Dec. 11**, utilizando-se novamente de desinformação, Bolsonaro distorce o sentido do Dia da Consciência Negra e sua importância. Ele propaga a negação da existência de racismo no Brasil, mesmo quando estudos e experiências diárias mostram o contrário. O ex-presidente também nega ser racista mesmo adotando rotineiramente inúmeras atitudes racistas. Como já exposto por Sales Jr (2006), essa negação da própria conduta racista é uma característica comum de muitos racistas. Nesse jogo de contradições, chama atenção o fato de que, ao longo dos quatro anos de mandato, Bolsonaro só fez post sobre a consciência negra no ano de 2020 (ano eleitoral) e, ainda assim, foi totalmente desfavorável.

Na **Dec. 12**, o ex-presidente repete a negação à existência de racismo no Brasil, dizendo ser as tensões entre raças no Brasil “importadas” e “alheias à nossa história”. Além de uma desinformação e uma distorção sobre racismo, este discurso é uma negação da própria conduta colonial racista de Bolsonaro.

Na **Dec. 13**, o político volta a agredir verbalmente nordestinos com seu discurso de ódio racista enraizado na colonialidade. Ao chamá-los, novamente de forma pejorativa, de pau de arara, provoca humilhação ao povo pobre nordestino e demonstra sua ideia de superioridade racial, ou seja, seu racismo explícito contra nordestinos.

Por fim, na **Dec. 14**, em outra atitude de racismo explícito, munido novamente da ideia colonial de superioridade racial, Bolsonaro humilha pessoas negras usando comparações pejorativas relacionadas à massa muscular delas. Conforme foi dito, esse estereótipo pejorativo sustentado por ele, que é uma forma de agressão moral, é uma das conjunções do discurso de ódio apontadas por Naciones Unidas (2015).

Nas análises chama atenção o comportamento recorrente de Bolsonaro e foi observado que a todo instante estão presentes nos discursos os três elementos do discurso de ódio apresentados por Andrade (2021): preconceito, discriminação e intolerância.

Considerações finais

Os resultados desta pesquisa apontam que depreciar ou desumanizar com base em diferenças étnico-raciais faz parte da lógica dos discursos coloniais, fundamentais para sacramentar o poder do colonizador e a posição de subordinação dos colonizados. Esses discursos de ódio racial têm ganhado o campo da política no Brasil, principalmente desde 2018, quando uma onda de polarização política e destilação de discursos de ódio, sobretudo por políticos e adeptos da ultradireita, tomou conta do país. Bolsonaro é o principal expoente desta prática de destilação de discursos de ódio de cunho étnico-racial enraizados na colonialidade. O racismo, conforme nos mostrou Almeida (2019), se apresenta constantemente como estrutural, por integrar a organização econômica e política da sociedade, e aparece muitas vezes ligado aos discursos de ódio de cunho racial.

Sendo assim, as raízes coloniais aparecem de forma clara em todos os discursos de ódio de cunho étnico-racial proferidos por Bolsonaro e analisados nesta pesquisa. Observamos que ele compactua com a perspectiva colonial ao, em seus discursos, não reconhecer o processo de colonização no Brasil, seus efeitos perversos, o racismo e as políticas de reparação.

O ex-presidente assume postura colonial ao humilhar, fazer comparações pejorativas e expor o caráter ofensivo e intolerante de manifestações de preconceito. Seus discursos de ódio são recorrentes para o mesmo público subjugado: negros, indígenas, nordestinos, asiáticos e venezuelanos.

Em seus discursos de ódio, Bolsonaro desinforma e/ou distorce informações sobre questões étnico-raciais e sobre políticas de reparação, o que caracteriza uma postura colonial. Alguns dos trechos dos discursos analisados são tão violentos que chegam ao ponto de questionar a condição de seres humanos dos atingidos. Isso é uma característica marcante da

colonialidade (Quijano, 2005) e que integra a infodemia de colonialidades presentes nos discursos do ex-presidente.

Por fim, em quase todos os discursos analisados, Bolsonaro denota superioridade racial em relação aos atingidos. Ele subjuga os nordestinos, por exemplo, entendendo-os como um povo inferior a si e no contexto nacional, desmerecendo, portanto, tratamento igualitário. Dos 14 trechos analisados, 10 são ataques diretos a negros, indígenas e a pessoas de origem asiática, venezuelana e nordestina. De forma explícita, Bolsonaro usa termos pejorativos como: índio, paraíba e pau de arara. Dos ataques, 10 foram direcionados a pessoas diversas por sua origem geográfica, 8 direcionados a negros e 5 direcionados a indígenas.

Assim, este estudo contribuiu com futuros estudos sobre o campo da política e sua forte relação com a colonialidade e servirá de base para outro estudo mais aprofundado que faremos na dissertação de mestrado sobre desinformação, populismo e discursos de ódio de cunho racial.

REFERÊNCIAS

- ALLPORT, G. W. **The nature of prejudice**. Wokingham: AddisonWesley, 1954.
- ALMEIDA, S. L. de. **Racismo estrutural**. São Paulo: Pólen, 2019.
- ANDRADE, A. G. C. de. Liberdade de expressão e discurso de ódio. **Revista da EMERJ**, Rio de Janeiro, v. 23, n. 1, p. 9-34, Jan.-Mar., 2021.
- BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70 Brasil, [1979] 2016.
- BHABHA, H. **O local da cultura**. Trad. Myriam Ávila, Eliana Lourenço de Lima Reis, Gláucia Renate Gonçalves. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.
- BRAGATO, F. F.; SILVA, B. M. Discursos de ódio: uma análise à luz da colonialidade. **Revista Faculdade de Direito da UFG**. Goiânia: UFG, 2021.
- BRUGGER, W. Proibição ou proteção do discurso do ódio? algumas observações sobre o direito alemão e o americano. **Direito Público**, Porto Alegre, ano 4, n.15, p.117-136, jan./mar. 2007.
- COSTA, J. B.; GROSGOUEL, R. Decolonialidade e perspectiva negra. **Revista Sociedade e Estado**, v. 31, n. 1, Jan.-Abr., 2016.
- DJIK, T. A. V. **Discurso e Poder**. 2 ed. São Paulo: Contexto, 2015.
- DOWNE-WAMBOLDT, B. Content analysis: method, applications, and issues. **Health care for women international**, v. 13, n. 3, p. 313-321, 1992.

FAIRCLOUGH, N. A análise crítica do discurso e a mercantilização do discurso público: As universidades. In C. M. Magalhães (Org.) **Reflexões sobre a análise crítica do discurso** (pp. 31-81). Belo Horizonte: Faculdade de Letras UFMG, 2001.

FERNANDES, L. C. dos A.; WILKELLY, A. de L. Desconstruindo o preconceito racial no Ensino Médio: O uso da Educomunicação no ensino de Biologia no IFPA - Belém. **Revista Thema**, v. 10 (01): Rio Grande do Sul, 2013.

FERNANDES, Luiz Cláudio. Desinformação e populismo: estratégias de Bolsonaro na ONU e sua contribuição para os discursos de ódio. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISADORES EM JORNALISMO, 21, 2023, Brasília. **Anais eletrônicos...** Campinas, Galoá, 2023. Disponível em: <<https://proceedings.science/encontros-sbpjor/sbpjor-2023/trabalhos/desinformacao-e-populismo-estrategias-de-bolsonaro-na-onu-e-sua-contribuicao-par?lang=pt-br>> Acesso em: 16 Jan. 2024.

GOMES, F. S.; LOPES, M. A. P. T. Infodemia e construção sógnica – movimentos responsivos sob a retórica da pós-verdade. **Scripta**, v. 25, n. 54, p. 158-189, 2º quadrimestre de 2021.

JÜPSKAS, A. R.; LEIDIG, E. **Knowing what's (far) right: A compendium**. Oslo: Center for Research on Extremism, 2020.

KALIL, I.; SANTINI, R. M. **Coronavírus, pandemia, infodemia e política**. Relatório de pesquisa. São Paulo/Rio de Janeiro: FESPSP/UFRJ, 2020. Disponível em: https://www.fespp.org.br/store/file_source/FESPSP/Documentos/Coronavirus-e-infodemia.pdf. Acesso em: 10 abr. 2021.

KRIPPENDORFF, K. **Content analysis: an introduction to its methodology**. Londres: Sage, [1980]2004.

MIGNOLO, W. Colonialidade: o lado mais escuro da modernidade. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 32, n. 94, p. 1-18, 2017.

MINAYO, M. C. S. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. São Paulo: Hucitec, 2007.

NACIONES UNIDAS, Asamblea General. **Promoción y Protección de todos los derechos humanos, civiles, políticos, económicos, sociales y culturales, incluido el derecho al desarrollo**. Informe de la Relatora Especial sobre cuestiones de las minorías, Rita Izák, 2015.

NASCIMENTO, D. C. **Dramaturgias do ódio: por entre efeitos de sentidos dos discursos em dramaturgias paulistas (2014 a 2018)**. Universidade Estadual Paulista: São Paulo, 2022.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. **Preguntas y respuestas sobre la enfermedad por coronavirus (COVID-19)**, 2020.

ORGANIZAÇÃO PAN-AMERICANA DA SAÚDE. **Entenda a infodemia e a desinformação na luta contra a Covid-19**, 2020.

PINI, A. M. **Desinformação e populismo radical de direita: O caso da eleição de Donald Trump em 2016**. 302 f. Tese (Doutorado em Relações Internacionais). Universidade de Brasília, Brasília, 2021.

- QUIJANO, A. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. In: LANDER, Edgardo (Org.). **A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais**. Perspectivas Latino-americanas. Buenos Aires: Clacso, 2005.
- RESTREPO, E.; ROJAS, A. **Inflexión decolonial: fuentes, conceptos y cuestionamientos**. Popayán: Ed. Universidad del Cauca, 2010.
- SALES JR., R. Democracia racial: o não-dito racista. **Tempo Social** - Revista de Sociologia da Universidade de São Paulo, v. 18, n. 2: Recife, 2006.
- SAMPAIO, R. C.; LYCARIÃO, D. **Análise de Conteúdo Categorial: Manual de aplicação**. Brasília: Enap, 2021.
- SANT'ANA, A. O. História e conceitos básicos sobre racismo e seus derivados. In: MUNANGA, K. (Org.). **Superando o Racismo na Escola**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2001.
- SEVERO, D. O.; GUERRA, P. Extrema-direita, xeno-populismo e colonialidade: discursos de ódio e colonização do imaginário no presente. **Revista Luso-brasileira de Artes e Cultura**: Porto, 2022.
- STROPPA, T., & ROTHENBURG, W. C. (2015). Liberdade de expressão e discurso do ódio: o conflito discursivo nas redes sociais. **Revista Eletrônica do Curso De Direito Da UFSM**, 10(2), 450–468. <https://doi.org/10.5902/1981369419463>
- TONIAL, F. A. L.; MAHEIRIE, K.; GARCIA JR, C. A. S. A resistência à colonialidade: definições e fronteiras. **Revista de Psicologia** da UNESP 16(1), 2017.
- WALDRON, J. **The harm in hate speech**. Cambridge, Massachusetts: Harvard University Press, 2012.
- WARDLE, C.; DERAKHSHAN, H. **Information Disorder: Towards an interdisciplinary framework for research and policy making**. Strasbourg: Conselho da Europa, 2017.
- WARDLE, C.; DERAKHSHAN, H. Reflexão sobre a desordem da desinformação: formatos da informação incorreta, desinformação e má informação. In: IRETON, C.; POSETTI, J. (Orgs.). **Jornalismo, fake news & desinformação: manual para educação e treinamento em jornalismo**. [s. l.]: UNESCO, p. 46-58, 2019.

BIOGRAFIA DOS AUTORES

ELAIDE MARTINS

Doutora em Ciências: Desenv. Socioambiental (Naea/UFPA), mestre em Comunicação Social (Umesp) e graduada em Jornalismo (UFPA). Docente da Faculdade de Comunicação (Facom) e do Programa de Pós-Graduação 'Comunicação, Cultura e Amazônia' (PPGCOM) da Universidade Federal do Pará (UFPA). Cord. do Grupo de Pesquisa Inovação e Convergência na Comunicação-InovaCom (CNPq/UFPA). Integra a Rede JorTec e a RNCD. **Orcid ID:** <https://orcid.org/0000-0001-7723-7055>

E-mail: elaide@ufpa.br

LUIZ CLÁUDIO DOS ANJOS FERNANDES

Bolsista Capes e Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Comunicação Cultural e Amazônia (PPGCOM-UFPA), especialista em Educação para Relações Étnicorraciais (UFPA). Docente da Faci Wyden. Integrante do Grupo de Pesquisa Inovação e Convergência na Comunicação-InovaCom (CNPq/UFPA) e da RNCD.

E-mail: luizclaudio.jornalismo@gmail.com